



Goiânia e a urbanização do Oeste: demografia, fronteira agrícola, áreas verdes e mananciais

Anderson Dutra e Silva ¹
Carlos Christian Della Giustina ²
Sandro Dutra e Silva ³

RESUMO:

Este projeto de pesquisa pretende analisar, a partir de pressupostos teórico-metodológicos da história ambiental, a transformação da natureza e o potencial da cidade de Goiânia como símbolo da Marcha para o Oeste e da fronteira agrícola. Criada na década de 1930, a nova capital do estado de Goiás materializava os desejos de modernidade e desenvolvimento, que alavancasse o “atrasado” e o isolamento territorial no ritmo impresso pelo Estado Novo. Obra do trabalho político do interventor federal Pedro Ludovico e do urbanista Atílio Corrêa Lima, já contemplava em seu projeto original a incorporação das paisagens naturais do Cerrado. No final da década de 1930 e no início da década de 1940, a cidade assume o papel simbólico de representação urbana da Marcha para o Oeste e os ideais de integração entre o litoral e o *hinterland* brasileiro. Assim, este estudo propõe identificar os traços urbanos que constituíram a relação entre a cidade do Oeste e os ideais de modernidade e os diferentes discursos e projetos que buscavam romper com a visão do sertão isolado. Baseando-se em fontes documentais que apontam para os traçados e discursos, esse estudo espera identificar como a natureza foi incorporada ao projeto urbano, ou nas tentativas de rompimento e assimilação da ruralidade goiana.

Palavras-Chave: Goiânia, história ambiental, Marcha para o Oeste, cidades sustentáveis

¹ Mestrando em Ciências Ambientais (PPG SOMA, UniEVANGÉLICA, Brasil). Professor auxiliar (PUC-GO, Brasil). E-mail: dimdutra74@gmail.com

² Doutor em Ciências Ambientais (Universidade de Brasília, Brasil). Professor Titular no Centro Universitário de Anápolis, Brasil. E-mail: giustina@paranoaconsult.com.br

³ Doutor em História (Universidade de Brasília, Brasil) Professor Titular na Universidade Estadual de Goiás e Centro Universitário de Anápolis, Brasil. E-mail: sandrodutr@hotmail.com

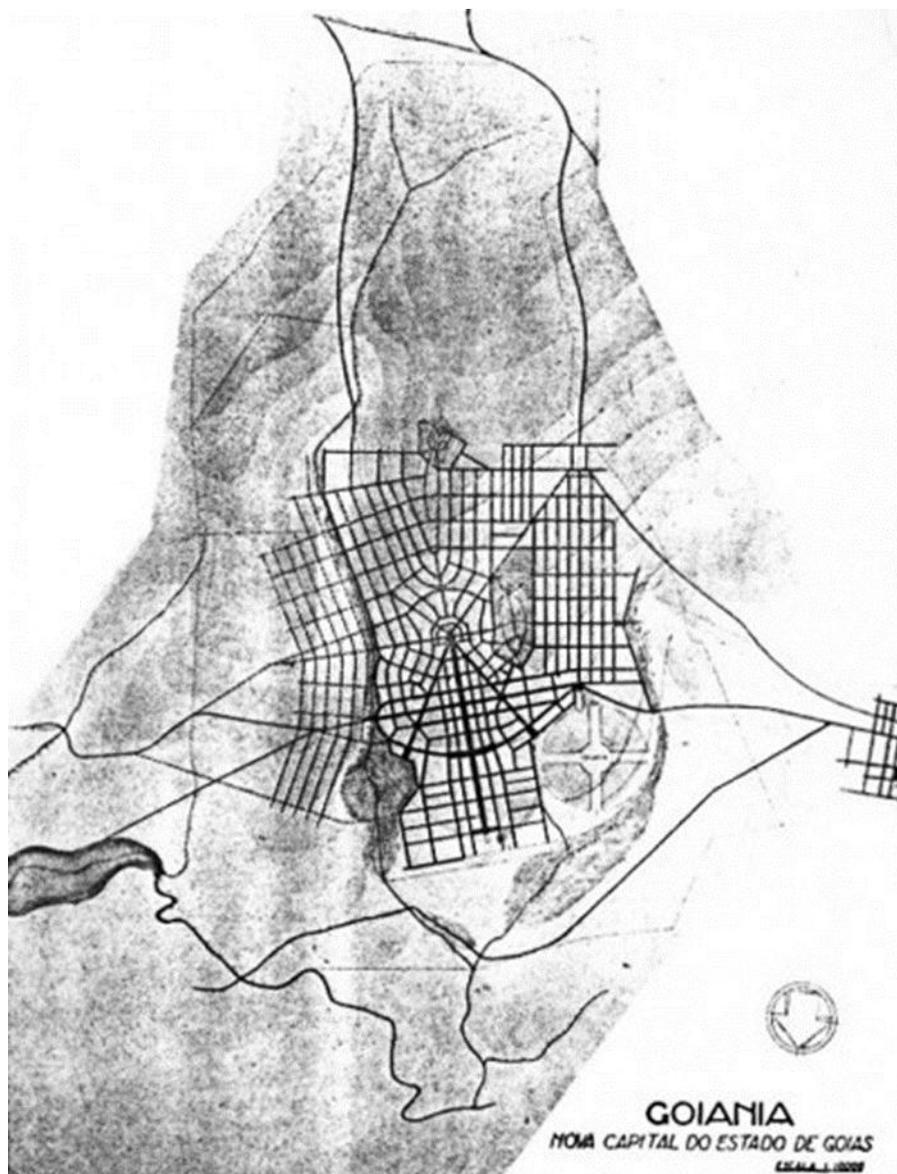
Idealizada pelo interventor Pedro Ludovico e concebida pelo urbanista Attilio Corrêa Lima na década de 1930, Goiânia possui papel de destaque no contexto das cidades projetadas no Brasil do século XX. Impulsionada pelo Estado Novo e pelo sucesso de sua precursora Belo Horizonte, a nova capital do estado de Goiás, mais do que um lar para sede do governo estadual, representava os anseios de uma sociedade progressista, com a capacidade de catalisar as relações comerciais entre o campo produtor e os grandes centros consumidores (Bruand 1997).

No ano de 1933, uma comissão é designada por Ludovico para tratar da mudança da capital. O chamado encontro do Bonfim deu início aos trabalhos técnicos necessários, além de encorajar os idealizadores no desafio da empreitada. Nela, definem-se as diretrizes necessárias para a escolha da área, onde suas qualidades principais deveriam ser a proximidade com a estrada de ferro, a topografia e os mananciais que forneceriam água à futura população. Dentre os locais estudados, aclama-se a cidade de Campinas como escolhida em encontro definitivo no dia 04 de março de 1933 (Adorno 2002, Diniz 2007, Mendonça 2009, Ribeiro 2004).

O Estado de Goiás, “atrasado” em relação aos grandes centros econômicos e culturais do país, não oferecia profissionais capacitados para a tarefa de planejar e traçar a nova capital. A escolha recaía sobre Attilio Corrêa Lima (1901-1943) por ser este o único com formação em urbanismo que atuava no Brasil, além de ter experiência comprovada pela sua participação no plano de intervenção do francês Alfred Agache para a cidade do Rio de Janeiro no final da década de 1920 (Diniz 2007). Segundo Bruand (1997), a solução adotada por Corrêa Lima se baseava em dois pontos importantes: a ordenação do trânsito e o zoneamento funcional eficaz.

É notável a solução por ele adotada para o traçado das avenidas que convergem no centro cívico (figura 1), o que permitiu que esta proposição fosse comparada com os planos de Versalhes e Washington (Bruand 1997, Manso 2001). Porém, tão importante quanto este fato, destaca-se a preocupação de adotar um partido com atenção aos recursos hídricos. Em sua justificativa, Corrêa Lima evidenciava a importância dos córregos Botafogo e Capim Puba, onde o primeiro abasteceria a cidade e o segundo seria dotado de um corredor verde de circulação. Na confluência dos dois, nasceria um parque que, segundo próprio, seria um legado importantíssimo à posteridade (Lima 1937 apud Rubin et al. 2007).

Figura 1: Esboço do Projeto de Goiânia, 1933, elaborado por Attilio Corrêa Lima



Fonte: Manso, 2001

Havia na mente do autor do projeto da cidade de Goiânia a preocupação com as áreas verdes e os mananciais. O que também não deixava de preocupá-lo era a presença ameaçadora do mercado imobiliário, tanto que no documento de seu Plano Diretor cita a possibilidade de crescimento para além do córrego Botafogo, algo praticamente inevitável, sendo necessário orientar tal expansão com rigor, de modo a garantir a preservação deste bem natural. Enfatizou que, embora não fossem implantados os parques em primeiro momento, era necessário que o poder público delimitasse e preservasse tais áreas

por ele previstas para que no futuro fosse possível a implantação desses equipamentos urbanos (Diniz 2007).

No passar dos anos, pode-se ver que o planejamento e os anseios do projeto original são abandonados ou modificados por interesses diversos. Até a década de 1950, o plano original foi respeitado. Porém, alguns fatores contribuíram para um desenvolvimento que ignorou o planejamento embrionário. Na região leste, além do córrego Botafogo, as moradias provisórias dos trabalhadores na construção da capital foram regularizadas entre 1947 e 1954, abandonando a preocupação de Corrêa Lima sobre a orientação de crescimento e a preservação do parque linear. As pressões sobre o poder público por parte dos proprietários de terra acarretaram na maior facilidade de se lotear, retirando a exclusividade do poder público. A partir daí, os particulares poderiam realizar seus próprios parcelamentos de terra, ficando sob a responsabilidade do município o fornecimento de infraestrutura urbana (Ribeiro 2004).

O contraste e a contradição entre o moderno e o rural no processo de construção de Goiânia são uma marca expressiva dos dois ambientes como uma única natureza e não duas distintas (Cronon 1991). As observações de Cronon (1991) sobre Chicago, são considerações relevantes para este estudo, na medida em que os seus apontamentos e metodologias adotadas nos permitem uma correlação entre a posição de Goiânia como a cidade símbolo da expansão para o Oeste no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. Os apontamentos sobre o projeto de metrópole para Chicago (Cronon, 1991) apontam indícios para uma história ambiental da formação urbana de Goiânia, nos elementos naturais e inaturais, como também na relação entre campo e cidade ou na conexão entre esses elementos, ao mesmo tempo (figura 1). Outra referência importante da formação urbana de Goiânia, como a porta de entrada da expansão da fronteira modernizadora são os elementos simbólicos que concebem a constituição da cidade por meio dos símbolos de mitos do Oeste brasileiro (Dutra e Silva, 2017).

Figura 1: Carro de boi na Praça Cívica.



Fonte: Fotografia de Alois Feichtenberger, 1936. Goiânia – Go. Acervo MIS|GO.

Neste cenário, as imagens dos canteiros de obra, da pouca infraestrutura e do pequeno número de edificações produziam uma paisagem perturbadora “do cerrado recortado pelas lâminas frias dos tratores” (Dutra e Silva 2017). Segundo Ribeiro (2004), a política de interiorização do governo Vargas, as instalações das usinas hidrelétricas do Rochedo (1955) e Cachoeira Dourada (1959), a chegada da ferrovia em 1951, a pavimentação da rodovia BR-153 (importante ligação com São Paulo) e, posteriormente, a construção de Brasília alavancaram o crescimento de Goiânia. Mas outros fatores são também importantes, como a expansão ferroviária que havia chegado em Anápolis em 1935 e o processo de colonização agrária do Mato Grosso de Goiás na década de 1940 (Dutra e Silva, 2017)

Portanto, este projeto tem por objetivo analisar, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da história ambiental, a relação do crescimento populacional de Goiânia no contexto da Marcha para o Oeste. Assim, parte-se da hipótese da capital do estado de Goiás como sendo a cidade símbolo da expansão para o interior do Brasil. Deste modo, espera-se aprofundar a pesquisa no discurso e nos planejamentos urbanos e a incorporação das áreas verdes e dos mananciais e a constituição dos parques no projeto urbano da cidade (Stoll, 2015)

Objetivo Geral

Investigar de que forma a cidade de Goiânia cresceu sobre as áreas verdes e em quais discursos se apoiou tal desenvolvimento.

Objetivo Específico

Analisar o crescimento real, comparando-o com os planos diretores, com destaque à região das bacias dos córregos Capim Puba e Botafogo.

Metodologia

Este projeto procura fundamentar-se nos pressupostos teórico-metodológicos da história ambiental, ao incluir três elementos fundamentais de análise, a saber: a relação entre sociedade e natureza, os elementos naturais em si, e as representações da natureza na cultura (Worster 1991). Assim, pretende-se analisar o discurso de Attilio Corrêa Lima em seu relatório sobre a criação da nova capital de Goiás, buscando entender seus reais anseios e suas estratégias de preservação.

Além disso, estudar os mapas, plantas, croquis e desenhos diversos por este produzido para identificar as formas e as intenções do planejamento da cidade em consonância com os recursos naturais. Também, deseja-se analisar as imagens da construção da cidade, bem como as divulgações em jornais e as campanhas publicitárias ao longo do tempo, tentando entender a importância das áreas verdes, dos parques e dos recursos naturais nos contextos urbano, social e econômico. Ainda, realizar análise em fotos aéreas para identificar como se deu o crescimento da cidade, comparando com as mudanças nos planos diretores e os discursos ao longo do tempo.

Resultados Esperados

Espera-se entender de que forma a visão embrionária da preservação, presente na proposta de Corrêa Lima, foi-se modificando ao longo da história, seja como mero desperdício de espaço ou como instrumento de auxílio às vendas de produtos imobiliários. Com isto, pretende-se descobrir se o discurso dos parques urbanos estaria ligado ao intuito de manutenção dos bens naturais ou ao interesse da sua utilização apenas quando forem necessários para a progressão dos negócios lucrativos. Também, com identificar por meio da interdisciplinaridade e do saber ambiental, o papel da natureza e dos recursos naturais nos diferentes conflitos pela imposição de uma visão de mundo e a sua repercussão nos diferentes discursos sobre a constituição do espaço social.

REFERÊNCIAS

- Adorno, K. (2002). Goiânia, seu primeiro Plano Diretor e aspectos atuais da realidade da cidade: uma leitura ambiental. *Revista Anhangüera Goiânia*, Vol. 3(n. 1), 77-100.
- Alvares, G. T. (1942). A luta na epopéia de Goiânia. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil.
- Arrais, C. A. (2012). Identidades Modernas do Plano Urbano de Goiânia. *Boletim Goiano de Geografia*, Vol. 32(n. 2), 177-192.
- Bruand, Y. (1997). *Arquitetura Contemporânea no Brasil* (3ª ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Cronon, W. (1991). *Nature's Metropolis: Chicago and the great West*. New York: W.W. Norton & Company.
- Daher, T. (2003). *Goiânia: uma utopia européia no Brasil*. Goiânia: Instituto Centro-brasileiro de Cultura.
- Diniz, A. (2007). Goiânia de Atílio Corrêa Lima (1932-1935): ideal estético e realidade política. Brasília: UNB. Dissertação de Mestrado.
- Dutra e Silva, S. (2017). *No Oeste a Terra e Céu: a expansão da fronteira agrícola no Brasil Central*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Guimarães, C. G. (2010). Parques Urbanos: sua influência no planejamento e desenvolvimento das cidades. Goiânia: PUC GOIÁS. Dissertação de Mestrado.
- Leme (coord)., M. C. (1999). *O Urbanismo no Brasil (1895-1965)*. São Paulo: Studio Nobel.
- Lima, A. C. (1937). *Goiânia, a nova capital de Goiás*. Rio de Janeiro: Arquitetura e Urbanismo.
- Manso, C. F. (2001). *Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea - um certo olhar*. Goiânia:

Prefeitura de Goiânia.

Melo, M. M. (2006). *Goiânia: cidade de pedras e palavras*. Goiânia: UFG.

Mendonça, J. G. (2009). A Queda de Bonfim e a Escolha Prévia de Campinas. *Mosaico*, Vol. 2(n.2), 175-189.

Mota, J. C. (2004). Planos Diretores de Goiânia, Década de 60: A Inserção dos Arquitetos Luís Sais e Jorge Wilhelm no Campo do Planejamento Urbano. São Carlos: USP. Dissertação de Mestrado.

Pires, J. R. (2009). *Goiânia: cidade pré-moderna do cerrado 1922-1938*. Goiânia: PUC Goiás.

Ribeiro, M. E. (2004). *Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes*. Goiânia: UCG.

Rubin, J. C., SILVA, R. T., & ARAÚJO, E. S. (2007). Patrimônio natural de Goiânia: ontem e hoje. Em M. F. LIMA, & L. A. MACHADO (Eds.), *Formas e Tempos da Cidade* (pp. 35-45). Goiânia: UCG.

Stoll, M. (2016). O "sagaz" Bernard Palissy: Gifford Pinchot, George Perkins Marsh e as origens do conservacionismo norte-americano em Connecticut. Em J. FRANCO, S. D. SILVA, J. DRUMMOND, & G.G.TAVARES (Eds.), *História Ambiental: Territórios, fronteiras e biodiversidade - vol. 2* (pp. 89-127). Rio de Janeiro: Garamond.

Stoll, M. R. (2015). *Inherit the Holy Mountain*. New York: Oxford.

Vieira, P. d. (2011). Atílio Corrêa Lima e o Planejamento de Goiânia - Um Marco Moderno na Conquista do Sertão Brasileiro. *Urbana*, Vol. 4(n. 4), 52-66.

Worster, D. (1991). Para Fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*, 4(n. 8), 198-215.